

## O *habitus* bíblico na construção romanesca de Graciliano Ramos

Cosme Rogério Ferreira\*

Instituto Federal de Alagoas – IFAL

### RESUMO

Este trabalho tem por objeto as relações dialógicas entre textos graciliânicos e textos bíblicos, investigando de que modo o estudo do livro sagrado do cristianismo influenciou a formação de um intelectual descrente, considerado um dos mais importantes escritores brasileiros. Apesar de se declarar ateu desde a juventude, é conhecida a irônica predileção de Graciliano Ramos pela leitura da Bíblia, bem como é notável a referência a passagens bíblicas em sua obra. Por meio de uma análise ancorada na perspectiva sociológica de Bourdieu (2003), utilizamos o conceito de *habitus* bíblico para nos referirmos às disposições consciente ou inconscientemente incorporadas pelo autor no processo de construção de seu monumento literário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bíblia. *Habitus*. Graciliano Ramos.

### ABSTRACT

The purpose of this article is to examine the dialogical relationship between Graciliano Ramos' texts and biblical texts by considering how the study of the sacred book of Christianity influenced the formation of an atheistic intellectual who is considered to be one of the most important Brazilian writers. Although he declared himself to be an atheist from the time of his youth, Graciliano Ramos' ironic predilection for reading the Bible is well known, as are the references to biblical passages in his work. Based upon an analysis founded on the sociological perspective of Bourdieu (2003), I employ the concept of biblical *habitus* to refer to the phrases consciously or unconsciously incorporated by Ramos in the process of constructing his literary monument.

**KEYWORDS:** Bible. *Habitus*. Graciliano Ramos.

### Introdução

Este trabalho tem por objeto as relações dialógicas entre textos graciliânicos e textos bíblicos, investigando de que modo o estudo da Bíblia, livro sagrado do cristianismo, influenciou a formação de um intelectual descrente, considerado um dos mais importantes escritores brasileiros.

Num conciso e bem-humorado autorretrato feito aos 56 anos, Graciliano Ramos (1892-1953) afirmou dois dados curiosos sobre a sua personalidade no tocante à religião: 1) ser ateu e 2) ter a Bíblia como leitura predileta. Na mesma época, o consagrado romancista disse em entrevista que o livro de maior valor artístico não era de literatura: era a Bíblia. Em depoimento dado três anos depois à revista *Manchete*, ele fez o acréscimo de que a Bíblia “É um livro que fez um povo. Sem ele, os judeus não mais existiriam hoje. Basta lembrar o que sucedeu aos moabitas, aos fenícios e a outros mais: desapareceram. Ficou o judeu, porque tinha um monumento escrito” (*apud* SALLA, 2014, p. 95).

\* cosme.ferreira@ifal.edu.br

O fato, aparentemente contraditório, de Graciliano Ramos ser ateu e leitor da Bíblia foi lembrado na mesa *Graciliano Ramos: políticas da escrita*, realizada na Festa Literária de Paraty (Flip), de 2013, ano em que o evento celebrou o escritor alagoano como homenageado oficial. A uma questão feita a esse respeito, o professor Lourival Holanda, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), respondeu: “Não tem como um intelectual possibilitado entender literatura sem passar pela Bíblia, como uma (*sic*) livro que congrega toda a cultura do ocidente. É um livro fundamental para a inteligência das nossas culturas.”<sup>1</sup> Diante desse pressuposto, formulamos a seguinte indagação: como a formação bíblica de Graciliano, em meio ao conflito entre a formação católica e a sua postura individual de ateu, impactou a sua arte literária?

A busca por responder a essa formulação nos fez encontrar nos trabalhos de Salla (2014), em seu artigo sobre a leitura e a glosa do texto bíblico feitas por Graciliano, e de Silveira e Almeida (2015), que escreveram sobre as semelhanças entre as narrativas do *Gênesis-Êxodo* e de *Vidas secas* (1938), dados fundamentais ao desenvolvimento da ideia de que houve, no processo de elaboração ficcional graciliânico, o acionamento de disposições para se construir uma obra tetratológica influenciada pelos estudos da Bíblia.

Na obra *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*, Erich Auerbach (2011) compara a literatura atribuída a Homero e o livro do *Gênesis*. Clássico dos estudos em literatura comparada, Auerbach demonstra como, apesar de a narrativa homérica ter personagens mais contornadas que a narrativa do *Gênesis*, ela não apresentar conflitos internos tão intensos quanto a narrativa bíblica. O filósofo e teórico do romance Mikhail Bakhtin fala em dialogismo: segundo ele, todo enunciado é dialógico, por mor de que se constitui a partir de outros enunciados. Bakhtin também pensa o romance como um heterodiscurso, isto é, “*uma diversidade de linguagens e uma dissonância individual*” (BAKHTIN, 2015, p. 29, grifo do autor) que penetram no romance, constituindo-se numa peculiaridade do gênero romanesco. Segundo o filósofo russo, a estilística adequada a tal peculiaridade é a *estilística sociológica* (BAKHTIN, 2015, p. 77). Assim, utilizamos dessa estilística para falar das disposições de Graciliano Ramos em construir uma obra que não apenas dialoga, no sentido bakhtiniano, com alguns textos bíblicos, mas que é também construída numa organização similar à dos quatro primeiros livros do Novo Testamento. Trata-se do conceito de *habitus* bíblico, cunhado a partir da teoria disposicional da ação de Pierre Bourdieu (2003). Em Bourdieu, o *habitus* – noção que remete ao antigo conceito aristotélico de ἕξις (*héxis*), convertido à forma latina pela tradição escolástica medieval e presente na sociologia desde que esta surgiu como ciência, com Durkheim (cf. WACQUANT, 2007) – nomeia a incorporação das complexas estruturas objetivas pelos agentes através das disposições para pensar, falar, sentir e agir, ajustados às solicitações e aos constrangimentos de seus campos sociais, isto é, os nichos da atividade humana onde

---

1. UMA dose diária de Graciliano Ramos na escrita politizada. **O Globo**, Rio de Janeiro, 07 de julho de 2013. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/uma-dose-diaria-de-graciliano-ramos-na-escrita-politizada-502684.html>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

ocorrem as lutas pela detenção do poder simbólico, que atribui e confirma sentidos às ações e aos agentes. Ainda de acordo com essa teoria, as posições ocupadas nos campos sociais são definidas pela posse de dois tipos de capital: o econômico e o cultural. Dependendo da posição ocupada, o campo de posição se retraduz em um campo de tomadas-de-posição (escolhas), mediado pelo campo de disposições firmes, duradouras, não intransponíveis e inconscientemente incorporadas – os *habiti*.

Ao articularmos relacionalmente esses conceitos no estudo da trajetória de Graciliano Ramos, pressupondo a importância que teve a Bíblia a ponto de se tornar a leitura predileta de um escritor declaradamente ateu, sustentamos a hipótese de que o estilo das narrativas bíblicas foi incorporado, consciente ou inconscientemente, tanto na sua formação literária quanto no processo de construção de seu monumento romanesco, composto por *Cetés* (1933), *S. Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas secas* (1938).

## 1. A Bíblia na formação intelectual de Graciliano Ramos

A gênese da formação bíblica de Graciliano Ramos se emenda com o começo de sua formação intelectual. Nascido em uma família de tradição católica, filho de um antigo senhor de engenho arruinado que passara a comerciar entre os estertores do Império e o estabelecimento da República, o menino Graciliano aprendeu as primeiras letras com o pai a duras penas, amenizadas pela intervenção de uma agradável e paciente prima, Emília, que lhe estimulou o gosto pela leitura (cf. RAMOS, 1992, p. 190). Da mesma maneira que a escola, as aulas do catecismo eram como um martírio para o menino. Mesmo com repulsa, foi introduzido forçadamente na carreira eclesiástica, como coroinha da Matriz de Viçosa, cidade próxima à sua cidade natal, para onde a família havia se mudado: “Uma catástrofe. Desengonçado dentro das vestes, ficou a ver navios com a língua enrolada do padre – desconhecia o que fosse o latim. Respiraria aliviado ao ser dispensado da tarefa” (MORAES, 2012, p. 30).

O forte incentivo à escrita literária lhe veio de Mário Venâncio – funcionário do correio e seu professor de geografia no Internato Alagoano –, criador do jornalzinho escolar *O Dilúculo*, onde o pré-adolescente Graciliano publicou um conto-*début* sob o título *Pequeno pedinte*. A proximidade com Venâncio fez Graciliano, com dinheiro surrupiado da loja do pai, adquirir, por via postal, publicações dos catálogos das livrarias Garnier e Francisco Alves.

Tornou-se um leitor voraz, adquirindo obras de Aluísio de Azevedo, Victor Hugo, Daniel Defoe e Miguel de Cervantes. O menino também passou a frequentar a sociedade Instrutora Viçosense, que “dispunha de duas estantes de livros e uma mesa comprida com jornais e revistas que recebia gratuitamente, inclusive da França, da Inglaterra, da Itália, de Portugal e da Argentina” (MORAES, 2012, p. 32). Foi o seu mentor intelectual quem lhe presenteou com uma Bíblia, com a seguinte dedicatória: “Ao amigo Graciliano Ramos Oliveira oferece M. Venâncio” (cf. SALLA, 2014, p. 101). Essa Bíblia foi encontrada durante o processo de recatologação do

Arquivo Graciliano Ramos, pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), e estudada pelo gracilianista Thiago Mio Salla, cujo trabalho é fundamental como reforço à nossa argumentação acerca do *habitus* bíblico de Graciliano. Após dizer que Mário Venâncio via em seu discípulo sinais de Aluísio Azevedo e Coelho Neto, citando inclusive o trecho inicial de um texto elogiado por Graciliano em que seu professor descreve Jerusalém como “a deícida”, o pesquisador comenta o seguinte:

É irônico observar que o jovem Graciliano tenha sido presenteado com uma Bíblia por um suicida<sup>2</sup>, explicitamente interessado pela temática religiosa, tal como se pode perceber pela passagem supracitada, na qual Venâncio se vale de lugares bíblicos para valorizar a narrativa. Além disso, esse primeiro mestre do futuro autor de *Angústia* declarava-se grande admirador de Coelho Neto, escritor conhecido por tomar as *Sagradas Escrituras* como livro de sua alma, fonte para “sua sede de verdades” e “bálsamo para as dores de suas agonias” (SALLA, 2014, p. 102).

A Bíblia que pertenceu a Graciliano, hoje preservada no acervo do IEB/USP, é composta de dois tomos de edições distintas publicadas no Brasil pela Garnier no século XIX: a primeira data de 1864, e a segunda, de 1881. Salla conjectura que Graciliano tenha ganhado de seu mentor os dois tomos da segunda edição, mas, como o segundo tomo se deteriorou, pode ele ter adquirido posteriormente em um alfarrábio carioca, entre 1914 e 1915, um exemplar novo, integrante da primeira edição (cf. SALLA, 2014, 99-100). Trata-se de uma obra luxuosa, traduzida para o português pelo padre lusitano António Pereira de Figueiredo (1725-1797), a partir da *Vulgata Latina*<sup>3</sup>.

Além de contar com notas produzidas pelo cônego Delaunay (cura de Saint-Étienne-du-Mont) e rico conteúdo pré-textual (prefácios e apresentações) e pós-textual (dicionários geográfico, histórico e onomástico), o livro, encadernado em Paris, destaca-se pela beleza das ilustrações: mais especificamente, gravuras sobre aço realizadas por Ed. Willmann, a partir de obras de Rafael, Leonardo da Vinci, Ticiano, Poussin, entre outros grandes artistas que representaram cenas bíblicas (SALLA, 2014, p. 98-99).

Conforme atestaram os filhos de Graciliano, os também escritores Ricardo Ramos e Clara Ramos, o pai tinha a Bíblia como livro de cabeceira, sabendo passagens “de cor e salteado”. Graciliano era movido por interesses literários, tomando a Bíblia como objeto de estudo, mas de modo descolado da devoção religiosa como a de Coelho Neto em seu fervor católico. Salla identifica, a partir das anotações na marginalia do exemplar da Bíblia de Graciliano, três vertentes de leitura:

---

2. Salla menciona o trágico fim de Mário Venâncio, que deu cabo de sua vida tomando ácido fênico, fato que abalou o jovem Graciliano, também impactando, mais tarde, a construção de sua obra.

3. A *Vulgata*, tradução para o latim, feita por São Jerônimo de Estridão entre o final do século IV e o início do século V, foi por muito tempo a Bíblia oficial da Igreja Católica Apostólica Romana.

1. revisão e análise gramatical das construções linguísticas presentes, sobretudo, nos livros do Antigo Testamento; 2. estabelecimento de relações intertextuais entre trechos do Evangelho de São Mateus e algumas obras que lia por volta de 1915, mais especificamente o romance *A Relíquia*, de Eça de Queiroz, e o estudo *A Loucura de Jesus*, do Dr. Binet-Sanglé; 3. base para tiradas irônicas em que procurava escarnecer certos dogmas e ensinamentos, sem deixar de apontar incoerências internas e externas que marcariam diversas passagens da Bíblia (SALLA, 2014, 103).

A tabela a seguir, elaborada por Salla, mapeia as anotações de Graciliano comentando passagens bíblicas diversas, sendo duas do Gênesis, catorze do Evangelho de Mateus e uma do Evangelho de João, e serve para ilustrar a terceira vertente de leitura bíblica enumerada no excerto anterior, ou seja, as tiradas irônicas.

**Tabela 1** – Passagens bíblicas e comentários de Graciliano Ramos

PASSAGENS BÍBLICAS	Comentários de Graciliano na margem de sua Bíblia
Gên., 1, 24-25. Trecho que trata da criação de toda sorte de animais, entre eles os animais domésticos, como penúltima etapa da criação operada por Deus. Em seguida, viria o homem.	“Animais domésticos feitos antes de existir o homem...”
Gên., 29, 21. Fala em que Jacob diz a Labão: “Dá-me minha mulher, pois que já o tempo está completo, para eu entrar nela.”	“Franqueza(?)...”.
Mat., 1, 25. Trecho em que se comenta o fato de José não ter “conhecido” Maria antes do nascimento de Jesus.	“Assim, a virgindade não continuou depois do nascimento de Jesus.”
Mat., 5, 22. Passagem sobre as punições para aquele que se voltasse contra seu irmão e o xingasse de “raca” (idiota).	“Estão todos no inferno.”
Mat., 5, 27-30. Trecho sobre como evitar o adultério e a cobiça à mulher do próximo. Antes de pecar seria melhor arrancar os próprios olhos e as próprias mãos.	“Ficaria t[o]do maneta e cego.”
Mat., 6, 25-34. Pregação na qual Jesus defende que a busca do reino de Deus deveria vir antes de tudo, pois “o dia de amanhã a si mesmo trará seu cuidado”.	“Elogio da preguiça.”
Mat., 7, 1-2. Sermão em que Jesus aconselha: “Não queirais julgar, para que não sejais julgados, pois com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que medirdes vos medirão também a vós.”	“E a crítica literária, santo Deus!”
Mat., 7, 15-17. Passagem em que Jesus pede para que todos se guardem de falsos profetas.	“Pequeno reclamo a seu próprio valor”.
Mat., 9, 29-31. Jesus faz com que dois cegos tornem a enxergar. Apesar de pedir, severo, para que guardassem segredo do milagre, eles saem espalhando a fama de Cristo pela região.	“Magnífico reclamo.”
Mat., 12, 6-8. Jesus fala da supremacia da misericórdia ante o sacrifício.	“Incoerência?”
Mat., 12, 30. Fala de Cristo: “O que não é comigo é contra mim, e o que não ajunta comigo desperdiça.”	“Incoerência?”
Mat., 12, 41-43. Jesus se coloca acima de Jonas e de Salomão, contrariando o ditado de que elogio em boca própria seria vitupério.	“Modéstia.”

Mat., 13, 54-56. Enumeração dos irmãos de Jesus.	“Nunca vi uma virgem parir tanto.”
Mat., 15, 19. Sermão em que Jesus lista os males que saem do coração: maus pensamentos, homicídios, adultérios, fornicções, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias.	“Protesto... Adultério não.”
Mat., 14, 20-21. Trecho referente ao milagre da multiplicação dos pães.	“Vá pregar esta ao diabo.”
Mat., 20, 1-15. Parábola dos operários da vinha em que se afirma: “os últimos serão os primeiros.”	“Bonita equidade”.
Jo., 9, 9. Dúvida em relação a um milagre divino assinalada por Graciliano: “Não é; mas é outro que se parece com ele” (em referência a um mendigo que teria recuperado a visão).	“Fraude?...”

Fonte: Salla, 2014, p. 119.

Antes de partir para o Rio, então capital federal e centro gravitacional da atividade literária nacional, na tentativa de seguir carreira jornalística, o jovem Graciliano, que esmerava-se na leitura de clássicos diversos da literatura, da filosofia e das ciências no balcão da loja do pai, em Palmeira dos Índios, atividade na qual trabalhava a contragosto, diante das posições objetivas de carreira existentes no campo profissional da provinciana cidade em que vivia, confidenciou em carta ao amigo J. Pinto da Mota Lima Filho o desejo de seguir a carreira eclesiástica:

Finalmente, parece-me que, com a chegada da Paulista aqui, *seu* Sebastião Ramos resolve-se a procurar outro meio de vida. Tenho a vaga esperança de abandonar essa *porcaria*. E pergunto a mim mesmo que é que vou fazer. Tenho pensado em ser padre. (Seriamente, tenho pensado em ser padre.) Parece-me que é a única profissão compatível com meu gênio (RAMOS, G.; 2011, p. 35).

Na mesma carta, ele decidiu-se pela aventura de arribar para as bandas cariocas, fato que se concretizou no mês seguinte, em agosto de 1914. As correspondências destinadas aos familiares durante a primeira temporada passada no Rio, em que viveu a experiência de trabalhar como jornalista na imprensa carioca-nacional, externam o diálogo (e vale lembrar que a acepção de diálogo que aqui se utiliza, de matriz bakhtiniana, não se liga somente às noções de convergência e concordância, mas admite também o embate e a divergência) entre a formação religiosa internalizada desde a infância e as leituras que realizava em paralelo com o estudo da Bíblia. A carta dirigida à sua mãe, Maria Amélia Ferro Ramos, datada de 2 de abril de 1915, um feriado de sexta-feira santa, traz o seguinte relato:

Grande dia. Dia que a cristandade chora alegremente a morte de seu Deus e a d. Helena nos obriga o jejum, surrupindo-nos piedosamente o almoço e o jantar. Temos de procurar comida fora, por causa da econômica devoção dos outros. Uma maçada. Ontem e hoje tenho vivido mergulhado na leitura da *Relíquia* de Eça de Queiroz, da *Loucura de Jesus* e do *Evangelho de S. Mateus* – coisas muito sérias narram circunstancialmente o suplício de N. S. Jesus Cristo. Tenho jejuado sempre, segundo os preceitos da Santa Madre Igreja. Apenas o regime do peixe não vai, porque o peixe aqui é ruim como o diabo. Mas, em falta de coisa melhor, jejua-se a carne, muita carne, feijão, arroz, verdura, etc., etc. Enfim o divino mártir aqui não é tão exigente como lá (RAMOS, G.; 2011, p. 68).

Ao que parece, o pai de Graciliano deve ter estranhado os argumentos do filho, que o respondeu em outra missiva, desta vez mencionando claramente as ideias de Nietzsche, o filósofo que anunciou a morte de Deus como metáfora do declínio universal da religião (de modo particular, do cristianismo) como central na civilização ocidental<sup>4</sup>. Na carta, datada de 24 de maio de 1915, Graciliano diz o seguinte:

Aqui não sou propriamente um santo, mas vou em caminho do céu, apesar de o senhor pensar que sou um bocado ateu. Essa suposição do senhor não quer dizer nada. Eu não me pareço ateu, como está em sua carta. Sempre o fui, graças a Deus, como dizia o saloio. Mas o simples fato de um animal ser ateu não prova que ele não possa ser um santo. Eu penso sempre que entre os milhares de sujeitos que a igreja canonizou devia haver muito ateu, muito ímpio esperto que preferia o céu ao inferno por uma simples questão de bem-estar cá na terra. Na Espanha, na Idade Média, houve homens sensatos que não acreditavam em Deus, mas que, por medo das grelhas do Santo Ofício, se meteram em conventos e por lá viveram santamente. É que eles preferiram “queimar a ser queimados”, como disse um moderno escritor socialista. Naturalmente alguns deles hoje são santos e fazem milagres. Oh! Eu respeito muito a religião que tem o poder de, acendendo algumas piedosas fogueiras com azeite humano, chamar ao seu grêmio os mais encarniçados inimigos... É verdade que ela hoje não tem a força de outrora. O Deus está morto, coitado! Anda insepulto, mas morto a valer, como os infernais hereges da atualidade afirmam. Mas eu respeito essa velha forjadora de embustes daqueles bons tempos em que a humanidade, para andar, precisava de freio na boca e sela no dorso... (RAMOS, G.; 2011, p. 70-71).

O respeito que Graciliano disse ter pela Igreja não foi só ironia: foi demonstrado na relação que manteve com a paróquia de Nossa Senhora do Amparo, em Palmeira dos Índios, para onde voltou naquele mesmo ano, após um surto de peste bubônica abater a cidade e ceifar a vida de quatro parentes seus. Graciliano retomou a vida de comerciante na Loja Sincera e se casou sacramentalmente com Maria Augusta de Barros, sua primeira esposa, membro da Pia União das Filhas de Maria, associação leiga ligada à freguesia. Maria Augusta morreu quatro anos depois, por complicações durante o nascimento da quarta filha do casal. No começo da década de 1920, num período de muito sofrimento para Graciliano, aproximou-se dele o novo pároco da cidade, o padre Francisco Xavier de Macedo, que o convidou para participar de seu projeto jornalístico: o hebdomadário *O Índio*, fundado em 1921 e com o qual Graciliano colaborou por catorze edições, utilizando pseudônimos. Note-se que o padre Macedo reproduzia localmente a experiência da Arquidiocese de Maceió, que fundou o jornal *O Semeador* em 1913, em meio ao processo de clericalização da Igreja Católica no Estado. *O Semeador*, em circulação até os nossos dias, funcionava inicialmente como Diário Oficial do Estado. Essa relação umbilical entre Igreja, poder e intelectualidade em Alagoas explica a aproximação de Graciliano e a paróquia de Palmeira dos Índios no campo intelectual, mediada por sua amizade com o padre Macedo, embora já tivessem desabado para ele os pilares da

4. Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.



crença religiosa, “pelo que representavam de monolitismo de consciência” (MORAES, 2012, p. 44) – reflexo de sua rejeição à ordem constituída.

Diante da estranheza que tal amizade entre um padre e um ateu possa ter causado, Dênis de Moraes explica que “o dinamismo do vigário despertara a atenção de Graciliano, cuja honestidade de propósitos, por sua vez, seduzira padre Macedo. Ao longo da vida, conservariam a admiração mútua, cada qual com seu ponto de vista” (MORAES, 2012, p. 56). O biógrafo transcreve, mais adiante, o comovido relato do padre Macedo acerca da convivência com Graciliano, colhido por Thiago de Mello, em entrevista para a revista *Manchete*. Observe-se que, dentro da sua visão católica e conservadora sobre o tema do comunismo, o vigário acreditava que as práticas de seu então já falecido amigo seriam condizentes com as de um verdadeiro crente, mesmo tendo sido esse crente militante do Partido Comunista:

Um grande amigo. Sujeito às direitas era aquele. Lembro-me dele sempre com saudade. Não havia noite em que não desse um pulo aqui para conversar. [...] Não admitia que ninguém falasse mal do vigário. Mandava que os filhos me tomassem a bênção. [...] Nunca acreditei que fosse comunista. A vida dele, a sua conduta, eram a negação do comunismo. [...] Graciliano era bom homem, bom amigo, sujeito direito, tinha bom coração e sempre fazia justiça ao vigário. A misericórdia de Nosso Senhor é muito grande. Desconfio, sim, que Graciliano foi para o céu (*apud* MORAES, 2012, p. 56).

Como dissemos anteriormente, o período posterior ao falecimento de Maria Augusta foi de grande sofrimento para Graciliano. A tragédia familiar devida à peste bubônica, o abandono da carreira literária no Rio, a viuvez, o trabalho frustrante no comércio, a criação de quatro crianças pequenas concorreram para a sua reclusão, para o aparecimento de manias, e para a queda em uma profunda crise depressiva. Conforme relatou à filha Clara Ramos: “encontrei dificuldade séria, pus-me a ver inimigos em toda a parte e desejei suicidar-me. Realmente julgo que me suicidei” (*apud* RAMOS, C., 1979, p. 54). Foi em 1924, em meio a essa crise que ele, dedicado ao estudo de obras de sociologia do crime, começou a experimentar o gênero romance, elaborando três contos que foram sendo burilados nos anos seguintes, até ganharem a forma das obras que conhecemos por *Caetés*, *S. Bernardo* e *Angústia*. Esse processo de retomada da atividade literária foi crucial para a superação da situação em que Graciliano se achava: “As preocupações que me afligiam desapareceram, pelo menos adelgaçaram: ressurgi, desenferrujei a alma [...]. Aventuro-me a admitir, depois, que o suicídio se tenha de fato realizado” (*apud* RAMOS, C., 1979, p. 54).

A retomada da escrita significou também a retomada do contato com J. Pinto da Mota Lima Filho através de cartas, a partir de 1926. Na epístola datada de primeiro de janeiro daquele ano, após quase meia década sem escrever para o amigo, Graciliano assim detalhou a relação com os dois filhos mais velhos, no quesito religioso:

O mais velho queria que eu lhe dissesse se existe Deus. E eu, que não sei, apenas lhe respondi que era possível que existisse. Mas ele queria a certeza, e eu não tenho certeza,



não me julgo com o direito de ensinar o que não sei. – “Ah! Compreendo, disse-me ele. O senhor não acredita. Mas se ele existe e é poderoso, como dizem, por que consente que duvidem dele? Então ele é uma besta”. Tem pegadas tremendas com o irmão a respeito da formação da terra, porque o irmão crê na cosmogonia bíblica, que a tia lhe ensinou, e ele é pela nebulosa. Nessas discussões eu fico imparcial, porque não sei onde está a verdade, não sei se há a verdade. Eu posso lá afirmar nada? (RAMOS, G.; 2011, p. 105).

Poderíamos arrolar vários outros fatos para ilustrar a relação dialógica do ateu Graciliano com a cultura religiosa de matriz cristã católica, como a sua participação nas festas da padroeira de Palmeira dos Índios – especialmente porque durante uma delas, no Natal de 1927, contando com o apadrinhamento do vigário da freguesia, ele conheceu Heloísa Medeiros, com quem se casaria em menos de dois meses depois –; a permissão dada pelo padre Macedo para o uso da sacristia da Matriz de Nossa Senhora do Amparo, onde o romancista escreveu dezenove capítulos de *S. Bernardo*; a relação de amizade com outros padres, como José Leite, primo de Heloísa, companheiro em horas muito difíceis (mormente em questões de saúde), que presidiu a cerimônia do casamento entre ambos e chegou a doar sangue a Graciliano quando este precisou<sup>5</sup>; ou a “convivência cordial e amigável” com os monges do Colégio São Bento, da época em que trabalhou no Ministério da Educação e Cultura (MEC), na função de inspetor federal de ensino, com os quais, por terem uma postura liberal no sentido humanista, sem se atrelarem às forças conservadoras e governamentais (como se posicionava a maioria católica naquele tempo), se afinizou, mantendo conversas sobre literatura francesa, especialmente com o reitor Dom Penido. De acordo com Moraes (2012, p. 229), “Em mais de uma ocasião, os dois falaram sobre a Bíblia, particularmente o Antigo Testamento, que Graciliano apreciava desde adolescente”. No entanto, os dados recolhidos são, por ora, suficientes para demonstrar tal relação.

Em síntese, ao analisarmos o processo de formação intelectual e da gênese de suas disposições literárias, podemos observar que não era por ser um descrente que Graciliano desprezava a cultura católica. Ao contrário, apesar de manter-se distante das práticas devocionais religiosas e de não negar o seu ateísmo, preservando uma postura crítica com relação à religião, o escritor mantinha uma relação respeitosa para com a literatura bíblica, reconhecendo o seu valor literário e a sua importância como patrimônio histórico-cultural. Tal respeito também se dirigiu à Igreja local, nas condições de instituição social e de promotora cultural no campo jornalístico-literário, embora algumas de suas correspondências íntimas e crônicas – como a memorável sobre a Semana Santa, publicada em abril de 1921 n’*O Índio* (cf. RAMOS, G.; 2005) – sejam exemplares do que Bakhtin (1987) chamou de *carnevalização*, isto é, a transposição do espírito carnavalesco na literatura, dessacralizando o discurso da ordem, da autoridade, do poder. As relações porosas entre Graciliano e a Igreja, mediadas pela literatura, forjaram nele gostos, preferências, esquemas de percepção, de classificação e

5. Moraes (2012, p. 287) relata que o agradecimento de Graciliano ao gesto veio na forma da seguinte dedicatória em um livro: “Ao padre Zé Leite, um santo capaz de doar sangue ao diabo”.

de apreciação que aqui chamamos de *habitus* bíblico, que orientou as escolhas estilísticas do autor na confecção de sua obra romanesca, no período entre a segunda metade da década de 1920 e no decorrer da década de 1930. Tais escolhas, ou tomadas-de-posição, serão o objeto de análise interna à obra que procederemos a seguir.

## 2. A Bíblia na construção romanesca de Graciliano Ramos

A análise da trajetória do escritor Graciliano Ramos, especialmente concentrada em sua formação intelectual, nos demonstra que a Bíblia ocupou um lugar central entre os livros que compuseram a sua predileção, mas não por motivos necessariamente devocionais, já que era ateu, e sim pelo valor literário do livro bimilenário. Uma vez demonstrado como o estudo da Bíblia constituiu as suas disposições literárias, analisaremos agora como esse *habitus* bíblico conformou a obra do romancista, isto é, como a obra romanesca graciliânica dialogou com os textos bíblicos, tanto lhes fazendo referência quanto estruturando a sequência de produção ao modo da sequenciação canônica e classificação exegética dos evangelhos. Deve-se ter em mente que não se quer dizer que Graciliano tenha produzido a sua obra com tal intenção, de modo consciente. Contudo, considerando que os *habiti* são incorporações inconscientes, torna-se bastante plausível a hipótese dessa relação mais íntima entre narrativas bíblicas e narrativas graciliânicas. Os dados recolhidos e analisados reforçam empiricamente essa hipótese.

Segundo Bakhtin (2017, p. 14), “(...) uma obra não pode viver nos séculos futuros se de certo modo não reúne em si também os séculos passados”. A obra romanesca de Graciliano, entronizada entre os clássicos da literatura brasileira, traz consigo, entre outras, a carga das narrativas da Bíblia, o maior *best-seller* de todos os tempos, com cerca de cinco bilhões de exemplares vendidos e distribuídos pelo mundo<sup>6</sup>, estando também ligada à origem da imprensa e do mercado livreiro<sup>7</sup>. Outro fato relevante é que a Bíblia se constitui em escrituras sagradas para as diversas tradições cristãs, variando o seu cânone conforme cada tradição. O cânone da Bíblia católica, como a utilizada por Graciliano Ramos, inclui setenta e três livros, sendo quarenta e seis componentes do Antigo Testamento, com base na *Septuaginta*<sup>8</sup>, e vinte e sete componentes do Novo Testamento. A Bíblia oriunda da Reforma Protestante possui sessenta e seis livros ao todo.

---

6. Cf. GUINNESS WORLD RECORDS. **Best-selling book**. Disponível em: <<https://www.guinnessworldrecords.com/world-records/best-selling-book-of-non-fiction>>. Acesso em: 2 maio 2020.

7. A Bíblia foi a primeira obra produzida pela prensa de Gutenberg, inventor de uma técnica inovadora de impressão que promoveu uma revolução cultural na Europa, a partir de meados de 1455, permitindo a produção de livros em massa, que antes eram manuscritos.

8. Tradução feita para o grego por cerca de setenta sábios judeus em Alexandria, no Egito, antes do fechamento do cânone hebraico do judaísmo. Essa versão, canônica para o catolicismo desde o século I d.C., incluiu textos não existentes na Bíblia hebraica farisaica. A Reforma Protestante excluiu do seu cânone os textos não correspondentes aos escritos em hebraico.

Em *Ficção e confissão*, texto de Antonio Candido que apresenta a edição de *Caetés* publicada em 1961 pela Livraria Martins, o sociólogo associa o romance, publicado em meio ao surto nordestino no mercado editorial brasileiro, “ao galho já sedido do pós-naturalismo, cujo medíocre fastígio foi depois de Machado de Assis e antes de 1930” (CANDIDO, 1961, p. 11). No posfácio da 31.<sup>a</sup> edição do romance, publicada em 2012 e presente nas edições seguintes até a mais recente, de 2019, Luís Bueno explica que “Foi exatamente a partir de sua vinculação com a moda naturalista que se construiu uma tradição de leitura que dá a impressão de que *Caetés* é um livro menos interessante do que de fato é” (in RAMOS, G.; 2019b, p. 279). Para este crítico literário, essa tendência de ler o livro se deveu por se projetar sobre ele o interesse pelo coletivo, típico do naturalismo, transformando os personagens em tipos meramente representativos de maneiras de ser e de agir socialmente:

Mais importante do que constatar essa opção pela primeira pessoa, desviante em relação ao modelo naturalista, é saber quem é esse João Valério, já que nele se conjugam o que há de mais irredutivelmente individual e mais abrangentemente social na existência humana. É ele o palco em que o indivíduo e corpo social atuam em pé de igualdade, de tal forma que é impossível saber o que deriva de sua constituição psicológica e o que vem da posição que ocupa na sociedade de Palmeira dos Índios (in RAMOS, G.; 2019b, p. 280).

João Valério é um comerciante aspirante a escritor, que deseja também, através disso, angariar poder simbólico na cidadezinha morigerada, ao mesmo tempo em que se consome de amor por Luísa, mulher de Adrião, seu patrão. Remoendo esse desejo carnal que conflita com os valores morais da sociedade católica, Valério faz uma reflexão sobre a obediência a um dos mandamentos da lei dada por Deus a Moisés, que trata inclusive do pecado da concupiscência, ordenando: “Não cobice a casa de seu próximo, nem a mulher, nem o servo, nem a serva, nem o boi, nem o jumento, nem coisa alguma que pertença a seu próximo” (Êx. 20, 17). Questiona o narrador:

Que culpa tive eu? Certamente era melhor que não existisse aquela paixão; mas desde que existia, paciência, eu não podia arrancá-la. E por causa do mandamento de um bárbaro, que teve a desfaçatez de afirmar que aquilo vinha do Senhor, não iria eu, civilizado e guarda-livros, conservar-me em abstinência, amofinar-me no deserto (RAMOS, G.; 2019b, p. 177).

Valério não é economicamente desprovido, a ponto de passar necessidades, mas também não é proprietário e nem bacharel, condições que lhe garantiriam boa colocação no seu meio social. Para adquirir poder simbólico e, conseqüentemente, *status* elevado, Valério investe na composição de um romance histórico inacabável sobre os índios caetés, cujos personagens eram compostos com características baseadas em conhecidos seus na cidade.

As referências a passagens bíblicas aparecem, como se viu no excerto anterior, carnavalizadas no romance. A primeira, vem através da fala de padre Atanásio, provavelmente baseado na figura real do padre Macedo, que se expressava por meio de frases truncadas,

investindo contra outro personagem, Miranda Nazaré: “– E Tubalcaim, homem, e Jubal, Noé, essa gente da Bíblia? Quem ensinou Noé a fabricar vinho? Ora, o livro do francês... E a torre de Babel, a embrulhada das línguas? São fatos, estão nas escrituras” (RAMOS, G.; 2019b, p. 61). A segunda vez em que elas aparecem é novamente no diálogo entre o padre e Nazaré, acrescentando-se a voz do mentiroso Nicolau Varejão:

– Tudo isso está muito bem, mas, digam lá o que disserem, a caridade é a caridade, e ninguém me tira disto. Os senhores não ignoram que o Evangelho... Perfeitamente, o Evangelho, e por que não? O Evangelho! Uma revista que li... Afinal a revista não influi no caso. Mas veja a história da mulher adúltera, seu Miranda. Veja a cena em casa de Simão, o fariseu. Veja o bom samaritano.

– Qual fariseu! bradou Nazaré. Qual samaritano? Não há samaritano, o que há é uma súplica de vagabundos que exploram a gente e merecem cacete. E chegou a propósito o Nicolau Varejão, que vai falar sobre o bom samaritano.

– Hem? que samaritano? inquiriu Nicolau Varejão entrando. Quem é ele?

– Um bodegueiro que mora na banda de lá do açude, explicou o Miranda. Existiu antigamente na Palestina e forneceu assunto a São Lucas. Mas faz muito tempo, foi noutra encarnação.

Nicolau, que tem medo do Vigário, não gostou da pilhéria e enrugou a cara, resmungando evasivas covardes. Não conhecia São Lucas, sempre fora bom católico, assim Deus o ajudasse, e espiritismo era com o farmacêutico (RAMOS, G.; 2019b, p. 88).

Como o seu criador, o ficcional João Valério também possui um exemplar das Escrituras, com uma função mais de caráter econômico do que de leitura espiritual: “Retirei a Bíblia da gaveta e procurei dinheiro entre as páginas do Eclesiastes, que é o meu cofre” (RAMOS, G.; 2019b, p. 55). Na interpretação de Salla (2014, p. 96),

Por um lado, essa imagem-síntese do livro sagrado como “cofre” insinua a riqueza da obra: a frase lapidar “nada de novo sob o sol” do Eclesiastes orientará a trajetória de Valério, que, ao fim, se reconhece como um índio caeté, ou seja, um selvagem com uma camada de verniz por fora, movido pela mesma e imperativa vaidade, responsável por igualar todos os homens no caminho para a morte. Por outro lado, tal uso da Bíblia como caixa-forte reforça explicitamente a lógica do dinheiro que governa as ações do personagem em seu desejo de ascender social e economicamente para além de qualquer ensinamento religioso.

Capítulos adiante, o narrador atenta para uma passagem do livro bíblico, que lê como uma mensagem para si:

Fui buscar ao quarto o chapéu e a bengala. Como tinha a carteira desprovida, retirei a Bíblia da gaveta, procurei dinheiro entre as folhas do Velho Testamento. Enquanto me fornecia, li: “E achei que mais amarga do que a morte a mulher, a qual é laço de caçadores, o seu coração rede, as suas mãos cadeias”.

E a minha tristeza aumentou, porque a rede em que por muito tempo me debati deixara fugir a presa por entre as malhas. E as cadeias, que desejei arrastar, tinham-se afrouxado de repente, abandonando-me, livre e inútil, junto a uma velha que chorava por um menino de chapéu de palha (RAMOS, G.; 2019b, p. 155).

Na derradeira vez em que se faz referência direta ao *Eclesiastes* no romance, João Valério narra: “Várias vezes peguei a Bíblia para tirar dinheiro, e o livro sempre se abriu no *Eclesiastes*, mostrando-me a frase de Salomão enjoado. Repetindo-a, senti uma atroz amargura. Uvas verdes. Que me importava Salomão?” (RAMOS, G.; 2019b, p. 167). Esse livro bíblico, pertencente ao conjunto dos chamados sapienciais – como Jó, Salmos, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Eclesiástico –, foi escrito por volta do século III a.C., por um mestre chamado Coélet (em hebraico: תְּלֵיֵק), dedicado a “buscar a sabedoria, observando todas as tarefas que se realizam na terra” (Ecl. 8, 16). O primeiro versículo do livro é seu título original, e apresenta o autor como se fosse o rei Salomão, tradicionalmente tido como modelo de sabedoria: “Palavras de Coélet, filho de Davi, rei em Jerusalém” (Ecl. 1, 1). Muitos o consideram o livro mais pessimista da Bíblia. Bazzaglia, um dos tradutores da *Nova Bíblia Pastoral*, afirma ser injusta tal consideração. Segundo ele, “o *Eclesiastes* são reflexões críticas e realistas de uma época de instabilidade, quando a Palestina estava sob o domínio do império grego dos ptolomeus, cujo centro se encontrava no Egito” (BAZZAGLIA, 2014, 816). Nesse contexto, os ptolomeus contavam com o apoio da família palestinese dos tobiadas, que explorava o povo arrecadando tributos pesados e controlava o comércio, a economia e a política na região.

Usando termos comerciais e questionando a sabedoria tradicional, o autor lança dura crítica aos valores que as mudanças na política e na economia estavam produzindo na sociedade. Com os impostos devendo ser pagos em dinheiro, e não mais em produtos, aumenta a distância entre os pequenos proprietários e a elite dominante e latifundiários. Muitos, endividando-se, vendiam-se como escravos. Os valores baseados nos laços familiares vão dando espaço a relações mais individualistas e materialistas, com semelhantes lutando entre si (4,4). Nessa época de mudanças e incertezas, Coélet olha para o povo sofredor com compaixão, e critica como segurança ilusória a lógica econômica dos gregos, fundada no lucro e no acúmulo de riquezas (BAZZAGLIA, 2014, p. 816).

Ao refletir sobre as contradições da realidade, experimentadas na própria vida, Coélet expressa um espírito crítico radical, inconformado. “Vaidade das vaidades”, ou “ilusão das ilusões, tudo é ilusão” e “corrida atrás de vento”, denuncia o autor bíblico. Até a tentativa de compreensão é ilusória, pois “escapa como fumaça, deixando o angustioso sentimento de vazio” (BAZZAGLIA, 2014, p. 817). Esses dados sobre Coélet nos mostram que a escolha desse livro obedece a um propósito de Graciliano na construção da personalidade de João Valério. Assim como o autor bíblico, o narrador-personagem de *Caetés* tenta dar um sentido à sua existência, mas não encontra nem nas suas próprias palavras. “Quanto mais palavras, mais ilusão” (Ecl. 6, 11), diz Coélet. “Admiração exagerada às coisas brilhantes, ao período sonoro, às miçangas literárias, o que me induz a pendurar no que escrevo adjetivos de enfeite, que depois risco...” (RAMOS, G.; 2019b, 275), confessa João Valério sobre seu afã de ser escritor, isto é, um homem que lida com as palavras, um sacerdote das letras. Segundo Bazzaglia (2014, p. 817), “Coélet é todo ser humano inconformado, que busca a explicação da própria vida e nunca se dá por satisfeito”. De certa forma, João Valério é esse Coélet.

Os romances seguintes não trazem tantas referências a passagens bíblicas como em *Caetés*, mas elas existem, como metáfora da visão de mundo dos narradores-personagens. Em *S. Bernardo*, o narrador é o fazendeiro Paulo Honório, homem de negócios, pragmático, que também se arrisca na atividade de escritor. Honório aprendeu a ler numa Bíblia, mas não numa católica – uma “de capa preta, dos bodes” (RAMOS, G.; 1953, p. 108), como eram pejorativamente chamados os protestantes pelos sertanejos, católicos em maioria. Salla assinala que, apesar disso, ocupado em acumular capital, Paulo Honório não tem preocupações com o “outro mundo”, e adapta a religião aos seus interesses de proprietário, de patrão: “Admito Deus, pagador celeste dos meus trabalhadores, mal remunerados cá na terra, e admito o Diabo, futuro carrasco do ladrão que me furtou uma vaca de raça” (RAMOS, G.; 1953, p. 136). Finalmente, em *Angústia* temos o terceiro protagonista com disposições literárias: Luís da Silva, funcionário público e, nas horas vagas da noite, jornalista e escritor. Num processo autoanalítico, Luís vive o amargo e contínuo desencanto consigo mesmo e com o mundo. Motivado pelo ciúme e pelo ódio ante o fracasso que lhe significa a vida, ele trama a satisfação de um desejo. Como ele confessa: “Enfim desejava matar um homem que me roubava o sono” (RAMOS, G.; 2019a, p. 140) – ou seja, o seu rival e antípoda Julião Tavares. Do ponto de vista da técnica adotada por Graciliano na feitura de *Angústia*, Candido escreveu que

Como em *Caetés* e *S. Bernardo*, a narrativa é na primeira pessoa; mas só aqui podemos falar pròpriamente (*sic*) em monólogo interior, em palavras que não visam interlocutor e decorrem de necessidade própria. Nos dois primeiros, temos nítida separação entre a realidade narrada e a do narrador, mesmo quando (em *S. Bernardo*) êste (*sic*) se impõe à narrativa; em ambos, os figurantes são respeitados como tais e as cenas apresentadas como unidades autônomas. Em *Angústia*, o narrador tudo invade e incorpora tudo à sua substância, que transborda sôbre (*sic*) o mundo (CANDIDO, 1961, p. 35).

Remoendo seus desejos assassinos, Luís da Silva faz seu pensamento dialogar com uma passagem bíblica através de uma frase que se repete de formas distintas pelo texto: “O espírito de Deus era levado sobre as águas” (RAMOS, G.; 2019a, p. 138), “O espírito de Deus boiava sobre as águas” (RAMOS, G.; 2019a, p. 138-139) e “O espírito de Deus deixava de boiar sobre as águas” (RAMOS, G.; 2019a, 140). O diálogo se dá com o segundo versículo do primeiro capítulo do *Gênesis*, que diz que “um vento de Deus se agitava sobre a superfície das águas”. Salla nos recorda de que

em outro trecho do romance, diante da litografia de uma “santinha bonita”, o protagonista retoma o Deus vingativo e violento do Antigo Testamento, “que incendiava cidades”, como meio de questionar o quanto a humanidade estaria se tornando “pulha” e, em certo sentido, justificar o impulso primitivo do assassinato que viria a cometer. Portanto, se conhecia e fazia uso do texto e de imagens da Bíblia, Luís da Silva recusava a religião como “sustentáculo da ordem, uma necessidade social”, recorrendo ao crime como meio de tentar apagar seus recalques e sua dor (SALLA, 2014, p. 97).



Se nos romances em primeira pessoa a referência à Bíblia se dá pelo dialogismo entre passagens explícitas do texto sagrado e as situações vivenciadas pelos personagens, em *Vidas secas* encontramos outras similaridades com a forma de narrar bíblica. Híbrido de conto e crônica, *Vidas secas* encerra a obra romanesca de Graciliano, toda ela produzida durante o surto nordestino no mercado editorial, nos anos 1930.

De qualquer modo, é o último dos seus livros de ficção e contrasta com os anteriores por mais de um aspecto. Parece que, fatigado da brutalidade esterilizante de Paulo Honório e do niilismo corruptor de Luís da Silva, quis oferecer da vida uma visão, sombria, é verdade, mas não obstante limpa e humana. Fabiano é um esmagado, pelos homens e pela natureza; mas o seu íntimo de primitivo é puro. Temos a impressão que êsse (sic) vaqueiro taciturno e heróico (sic) brotou do segundo capítulo d’*Os Sertões*, onde Euclides da Cunha descreve a retidão impensada e singela do campeiro nordestino (CANDIDO, 1961, p. 39).

O trabalho de Almeida e Silveira (2015) identifica em *Vidas secas* as aproximações e distanciamentos que a obra guarda em relação ao *Gênesis* e ao *Êxodo*, especialmente com a história da família de Jacó/Israel, sua fuga para o Egito por causa da fome, o estabelecimento na nova terra (cf. Gn. 37–50), a opressão de sua descendência e seu processo de libertação, com consequente retorno à Terra Prometida (cf. Êx. 1– 40). Ambas apresentam a narrativa de famílias que se veem obrigadas a deixar as suas terras, por razões que escapam ao seu controle, buscando melhores condições de vida alhures, mas acabam encontrando a opressão em terra alheia. Na tabela 2, comparamos alguns excertos do relato sobre a família de Jacó com algumas passagens do primeiro capítulo de *Vidas secas*, intitulado *Mudança*.

**Tabela 2** – Comparação entre trechos da narrativa da fome no *Gênesis* e em *Vidas secas*

Narrativa bíblica do <i>Gênesis</i> sobre a fome que abateu Jacó e sua família	Narrativa graciliânica no capítulo <i>Mudança</i> , em <i>Vidas secas</i> , sobre a fome que abateu Fabiano e sua família
“A fome cobriu toda a terra” (Gn. 41, 56).	“(…) a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida” (p. 30).
“A fome apertava na terra. Quando acabaram os cereais que haviam trazido do Egito, o pai deles lhes disse: ‘Voltem lá para comprar um pouco de comida’” (Gn. 43, 1-2).	“Tinha andado a procurar raízes à toa: o resto da farinha acabara, não se ouvia um berro de rês perdida na catinga” (p. 30-31).
“Entretanto, quando eles repetiram tudo o que José lhes havia dito e quando viu os carros que José tinha mandado para buscá-lo, o espírito de Jacó, pai deles, se reanimou” (Gn. 45, 27).	“Num cotovelo do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar” (p. 32).
“Israel ficou habitando a terra do Egito, na região de Gessen. Aí adquiriu propriedades, multiplicou-se e tornou-se muito numeroso” (Gn. 47, 27).	“A fazenda renasceria – e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo” (p. 39).

Fonte: elaboração do autor.



É interessante notar o papel que tem o sonho nos dois relatos. No bíblico, José é um sonhador com habilidades para interpretar os sonhos dos outros. No graciliânico, todos sonham: Fabiano, sinha Vitória, os dois meninos inominados (diversos dos filhos de Israel que foram para o Egito, que tinham uma identidade conhecida e listada no começo do livro do *Êxodo*) e até a cachorra Baleia. Os sonhos, no caso da saga de José, têm o significado de imagens que povoam a mente durante o sono. No caso da família de retirantes, os sonhos têm o sentido do devaneio e da utopia. Mas a distinção segue além:

Sem intervenção divina, Fabiano e sua família sonham com uma possibilidade de melhora em suas condições de vida. A esperança também está presente no texto bíblico. Entretanto, há uma interferência de Deus para retirar qualquer insegurança relacionada à falta de pujança na nova terra.

(...)

Neste sentido, a esperança da família de Fabiano difere da apresentada no texto bíblico. Concatenado à natureza, o sertanejo pensava nessa mudança como algo natural. Ela fatalmente ocorreria dado o ciclo experienciado por ele em sua profunda relação e conhecimento da terra (ALMEIDA e SILVEIRA, *op. cit.*, p. 24).

## Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi identificar e analisar as interfaces entre dois tipos de obras literárias: a Bíblia e a obra de Graciliano Ramos. Para isso, foi necessário retomar as características dos gêneros e estilos do modo de narrar bíblico e compará-los ao modo de narrar graciliânico.

A pesquisa sobre a trajetória de formação intelectual de Graciliano Ramos, centrada no estudo da Bíblia, nos revela em que se fundamentou a sua preferência pela leitura das escrituras sagradas da tradição judaico-cristã, mesmo sendo ele convictamente ateu. Se tratava de uma leitura que não reverenciava dogmas ou cultivava fé religiosa, mas tomada criticamente como fonte de conhecimento das narrativas que povoam o imaginário mítico do Ocidente, bem como de estudo de aplicação bem-acabada da Língua Portuguesa em forma escrita.

Em seu processo de composição social como leitor/escritor, Graciliano incorporou – de modo consciente ou inconsciente – disposições estilísticas bíblicas que foram ativadas durante a sua fase de cronista e, sobretudo, em sua fase romanesca, como a análise comparada nos permite observar. As marcas de leitura deixadas no exemplar da Bíblia que possuiu, o dialogismo entre as narrativas bíblica e graciliânica e as citações de episódios bíblicos nos romances são os fatos que elencamos como sustentáculo de nossa argumentação quanto à constituição de seu *habitus* bíblico-literário.

## Referências

- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na cultura ocidental*. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto da obra de François Rabelais*. Trad.: Yara Frateschi Vieira. Brasília: Editora da UnB, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Teoria do romance I: A estilística*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BÍBLIA, A. T. Êxodo. In: BÍBLIA. *Nova Bíblia Pastoral*. Trad.: Luiz Gonzaga Bezerra. São Paulo: Paulus, 2014. p. 74-119.
- \_\_\_\_\_. Eclesiastes. In: BÍBLIA. *Nova Bíblia Pastoral*. Trad.: Pedro Bazzaglia. São Paulo: Paulus, 2014. p. 816-825.
- BÍBLIA, N. T. Mateus. Marcos. Lucas. João. In: BÍBLIA. *Nova Bíblia Pastoral*. Trad.: Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Paulus, 2013. p. 1177-1324.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- CANDIDO, Antonio. Ficção e confissão. In: RAMOS, Graciliano. *Caetés*. 6. ed. São Paulo: Livraria Martins, 1961.
- MORAES, Dênis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- RAMOS, Clara. *Graciliano Ramos: confirmação humana de uma obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 71. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- \_\_\_\_\_. *Caetés*. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- \_\_\_\_\_. *Cartas*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Linhas tortas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- \_\_\_\_\_. *S. Bernardo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1953.
- \_\_\_\_\_. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- SALLA, Thiago Mio. A Bíblia Sagrada de Graciliano Ramos: a leitura e a glosa do texto religioso realizadas pelo autor de Vidas Secas. *Livro*, São Paulo, vol. 4, pp. 141-167, 2014.
- WACQUANT, Loïc. Esclarecer o *Habitus*. *Educação & Linguagem*, n. 16, p. 63-71, jul./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/126/136>>. Acesso em: 28 abr. 2020.